

5 de Dezembro

Director—Gulherme B. Leite de Faria

QUINZENÁRIO

Composição e impressão

Editor—M. Mendes Fernandes

Defensor da Causa Sidonista

Tip. Minerva Vimaranesse

Red. e administr.—Casa da Burnaria

68, R. de Paço Galvão, 72—GUINARAS

Dever Patriótico

Nêste momento verdadeiramente trágico, mais que nunca é necessária a união de todos os republicanos sinceros e de todos os patriotas verdadeiros em tôrno da bandeira da Pátria, para assim continuarmos com patriotismo e entusiasmo a obra grandiosa e profundamente republicana do Homem que foi o Presidente Mártir, Herói e Santo, e o maior Português de todos os tempos, e que creaturas sem religião e patriotismo, que para vergonha do mundo se dizem humanas, e que para vergonha da Pátria se dizem portugueses, na noite de 14 de Dezembro do ano findo vilmente assassinaram.

O país quer sossêgo, ordem e trabalho.

Portanto êsse bando de assassinos e cobardes, que se dizem democráticos, não podem nem devem de forma alguma voltar mais uma a sentar-se nas cadeiras do Poder.

Não queiramos desonrar a memória dêsse que era grande de mais para um país tam pequeno, e que foi o Santo Condestável da República.

Sigamos a sua última ordem:—
"Salvem a Pátria"!

O "5 de Dezembro", sempre fiel aos seus princípios, querendo mais uma vez honrar a memória de Sidónio Pais, grita bem alto para que todos o ouçam:

Viva a Pátria!

Viva a República Nova!

G. F.

Nota política

O funesto acontecimento, que no dia 14 de Dezembro veio mais uma vez cobrir de crepes a Nação Portuguesa, a qual ao ter conhecimento da infausta nova vibrou de indignação, lamentando sinceramente a perda do libertador, e exigindo ao mesmo tempo inexorável justiça, foi mais um crime hediondo a registrar, mais uma mancha negra nas páginas de oiro da gloriosa Historia-Pátria.

Sidónio Pais foi, sem dúvida, o maior português dos últimos tempos. Era um daquêles homens que raras vezes a Providência dispensa às nações. Jámais sacrificara os sagrados interêsses da Pátria às desregradas ambições individuais. Aos superiores predicados de estadista e de chefe aliava tambem uma grande bondade e um desejo sempre insaciavel de fazer a prosperidade do seu País.

Reunia em si tal conjunto de qualidades que é difficil encontrar hoje que os homens se converteram num bando de covardes e egoistas.

Pelo seu altruismo tornara-se querido dos pobrezinhos; pela sua coragem e valentia fizera-se temido aos seus adversários.

Em 5 de Dezembro, vencendo a demagogia, alcançara as simpatias de toda a nação. Prestava então ao país um grande favor: expulsara do poder, onde abusivamente se instalara, a seita mais tôrpe que existiu em Portugal.

O Povo, que outrora o aclamava em apoteose sempre que aparecia e que hoje presta culto de saudade à sua memória, fizera dêle seu chete querido; e desde então dedicara todo o entusiasmo à sua obra, a qual embora apenas esboçada, devido às constantes revoltas que reclamavam a sua atenção, está tam identificada com as aspirações nacionais, que já-mais alguêm a poderá destruir.

E ao fim de um ano, depois de ter dado provas do maior patriotismo e abnegação, morreu no seu posto de honra, heroicamente, corajosamente e no meio dos aplausos da multidão, que nêle confiava. Bela morte, mas ignobil atentado que a causou!

O povo sentiu muito a sua falta, porque nêle perdeu não só um chefe querido, mas tambem um amigo que nas horas da mais pungente tristeza ou do maior sofrimento lhe ia levar o balsamo de consolação; e a sua morte veiu abrir uma grande crise na vida nacional.

Foram, indubitavelmente, graves os momentos que passaram depois da morte do saudoso presidente, mas, ao que nos dizem, já está felizmente solucionado o conflito — chamemos-lhe assim — havido entre o govêrno e a chamada Junta Militar do Norte, conflito que, causando divergências na opinião pública, mais uma vez confirmou a máxima latina: *Tertius gaudet*.

Cremos bem intencionada a Junta do Norte, a qual já deve á hora que escrevemos estar dissolvida, acreditamos plenamente no desejo que tem de ver continuada a alma grandiosa de Sidonio Pais, mas é certo que não procedeu bem, pois hoje mais que nunca é necessaria a união de todos os bons portugêses contra o inimigo comum, que, ao contrario do que muitos pensam, não é a monarquia, que mor-

reu para sempre em 5 de Outubro de 1910, mas sim a demagogia.

E' esse o perigo que todos devemos de evitar, porque o advento ao poder dessas feras que infestam o país seria extremamente prejudicial á Patria, porque alem de tudo, lançaria até a sua independencia para o campo duvidoso das interrogações.

O Sr. Tamagnini Barbosa, grande e convicto republicano, que foi secretario de estado do saudoso presidente e conhece por certo a orientação que Sidonio Pais tencionava dar á sua obra, é para o país a suprema garantia para que a veja dignamente continuada.

Unam-se, pois, desprezando os traiçoeiros oferecimentos dos demagôgos, todos os que acima de tudo desejam a felicidade da sua Patria, prontos a se sacrificarem na sua defeza, para assim cumprirem a ultima vontade daquele que, há dias, na gare do Rocio, caiu varado pelas balas assassinas.

Nota política

Fala-se para aí em oferecimentos, em transigências, em aproximações... Discute-se a apresentação em massa da demagogia para uma suposta defeza da República, ameaçada por um fictício perigo monárquico, que só elles veem...

Ainda não arrefeceu o corpo sagrado d'Aquêlê que nos salvou, ainda não emudeceram os gritos de angústia de aquêles que o adoravam, e se secaram as lágrimas dos que o tinham no mais íntimo do coração, e já se ouvem blasfêmias, e já se planeiam traições...

Não e nunca! A demagogia, a maçonaria, tudo quanto há de sórdido e banal, de miserável e reles, de banditismo e canalhice, poderá já-mais voltar a ter predomínio em

Portugal, que não é dos que o enlameiam e desonram, mas dos que o defendem e o querem feliz.

No dia em que por uma hipótese sequer, tal acontecimento se consummasse, Sidónio Pais — Patriota, Herói e Santo — estremeceria de horror, de nojo, de indignação no seu túmulo dos Jerónimos, e num gesto talvez de revolta e de desafronta pediria a Deus que o retirassem de pressa daquêllo templo grandioso, daquela cidade de Lisboa aonde a infâmia, a ingratidão e a política *habilitada* e mesquinha medram e crescem...

Nesse dia, senhores aproximistas, transigentes malvados!, devíeis retirá-lo de ao pé de vós, e levá-lo ao tranquilo cemitério de Caminha, sua terra natal, onde Ele descansaria em paz, longe das intrigas dos políticos que se dizem seus continuadores, mas que só fazem esfarrapar o Seu programa.

Para traz, miseráveis! Vede que a memória d'Ele é sagrada e que se já se apagou no coração tigrino dos politiquetes imbecis, ella perdurará eterna no coração de todos os portugueses, na alma de todos os patriotas.

Para traz, bandidos!

Ego.

A situação actual

Mudam os tempos, mudam os homens, disse um dia um grande ministro francês, cuja fidelidade à causa do rei foi bem notória ao ver Luís XVIII cercado de homens que, republicanos de hoje e monárquicos de amanhã, haviam de ser os traidores de sempre. E não se enganou. Os ministérios, tangidos pela voz potente e auctoritária da maçonaria, sucediam-se hoje, amanhã e depois, e enquanto que a opinião

pública, a aura popular das multidões, se desviava continuamente da causa real, a *seita infame* preparava um novo salto ao poder, salto que, um pouco mais suave do que os golpes de estado anteriores, não deixou de fazer correr sangue inocente e generoso como o de 1789 e 1790.

As suas armas eram a calúnia e a intriga.

O que então se dava na França parece dar-se ha muito entre nós: A política tem, nesta lusa e boa terra, passado por tais metamorfoses, tem galgado tanta injustiça, praticado tanto crime e tanta iniquidade, que a raça portuguesa de outr'ora parece haver sido substituída por outra, estrangeira, e adulterada. Sidónio Pais, o Presidente Martir, o homem cujo valor hoje mais que nunca podemos avaliar, o heroico militar, o esmagador da demagogia, Sidónio Pais se hoje fosse vivo, se o seu corpo inerte pudesse ainda ser restituído à vida, com que valentia não brandiria a sua espada contra aqueles que mostrando-se hypocritamente seus amigos dedicados, conspurcaram a sua memória, repudiando a sua obra, que a vontade do país aprovou com toda a satisfação.

Ah! Se êle fôsse vivo, com que arrôjo não iria perguntar áqueles a quem deu uma evidencia mal merecida, onde estavam o seu critério, a sua honra, o seu patriotismo... Com que ira e colera não perguntaria êle onde estão os compromissos tomados e a palavra dada para continuação da sua obra.

E' que *entre os portugueses*, já em séculos passados, *alguns traidores houve algumas vezes*. Não nos esqueçamos disto.

Mas traidores, direis vós, leitores, era natural que os houvesse nessa *república* velha, que implantada sô-

bre o sangue generoso de religiosos e a honra de religiosas vilmente enxovalhados, não poderia sair senão do crime e da tirania. Na República nova não deveria, não, haver caracteres volateis. Mas Sidónio Pais foi assassinado.

Mudam os tempos, mudam os homens. Porém se Sidónio Pais fôsse vivo com que santa cólera não brandiria êle a sua espada potente contra os seus fingidos amigos de hontem. E como elles não corariam diante daquela santa cólera, diante do seu caracter immaculado e austero.

Abençoado túmulo onde repousa o corpo inerte e enregelado daquele que foi um grande português, oxalá que tu não contenhas com seu corpo a honra e a vergonha daquêles que só foram seus amigos em vida.

Minhoto.

Manifestações

No dia do Ano Novo realisou-se uma imponente manifestação de simpatia e aplauso á Junta Militar do Norte.

Sem duvida que os seus organizadores lhe imprimiram meramente a feição patriotica, a qual a levou ás alturas indiscriptiveis duma manifestação imponentissima, repleta de brilhantismo e entusiasmo. Para maior realce, brilho e entusiasmo, fez-se ouvir o Hino Nacional, os acordes divinos da *Portuguêsa!*

Mas no dia 30 um grupo realisou uma manifestação puramente, indiscutivelmente monarchica. O dedo de mestre escolheu o hino da *Restauração*, como quem diz que está para breve...

Positivamente que o hino da *Restauração* é patriotico, vibrante, ardente, português! Mas se a mani-

festação era patriotica, como diziam nos convites, por que fizeram esquecer o Hino Nacional?

Evidentemente era uma incompatibilidade, um absurdo, ouvir-se o Hino Nacional numa manifestação monarchica, fanaticamente monarchica!

Zaranzas imbecis...

E diziam eles na sua luminaria, *para inglês vêr*, que não tinha *intuitos politicos*. Burlaram infamemente o humilde e honrado povo desta laboriosa terra.

Miseraveis zaranzas imbecis...

O momento requer a união de todos os sinceros portugueses, e *alguem* lembra-se de fazer manifestações monarchicas á *pala* da situação dolorosa que atravessamos. Causa e inspira nojo, odio e irritação; esses imbecis não respeitaram a memoria do Grande Português e Republicano Doutor Sidónio Paes.

Pobre e infeliz Presidente, que depois de seres varado pelas balas assassinas, estás sendo miseravelmente aviltado por esses que em vida te tributavam admiração e respeito.

O Cadaver do Grande Português, do Martir, do Santo, do Inclito Presidente, ainda está quente em Belém.

A Sua Gigantesca Obra está ameaçada a ser esfarrapada por esses farriseus que em vida se diziam seus liaes servidores.

Na actualidade não há a politica partidária: há a politica da Pátria!

Defender Portugal das garras destruidoras da demagogia, dessa seita de bandidos e assassinos, eiz o dever de todo o sincero português.

Depois prosseguir a Obra do Imortal Condestavel da Republica, essa Obra assombrosa, gigantesca, admiravel, que tinha por simbolos a caridade e a liberdade.